

## **A LÓGICA DA GLOBALIZAÇÃO: HOMOGEINIZAR OU DIVERSIFICAR**

Hellen Christina Justino Barros  
Professora da Prefeitura de Recife  
[hellenjustino@ufpe.br](mailto:hellenjustino@ufpe.br)

Ana Lúcia Borba de Arruda  
Professora da UFPE  
[ana.barruda@ufpe.br](mailto:ana.barruda@ufpe.br)

### **Introdução**

O trabalho pretende problematizar como a lógica da globalização pode impactar o processo de internacionalização na educação superior na perspectiva da homogeneização ou da busca da diversificação de práticas e narrativas.

Mesmo com a distância física dos continentes, se tornou crescente a busca da perspectiva de se viver num mundo sem fronteiras. Pois, mesmo com vários fatores de fragmentação física da Terra, na era do conhecimento global e dos avanços da tecnologia da informação, buscam-se conexões e articulações entre o local e o global para “encurtar” as distâncias físicas. Daí se observa que no sentido mais amplo, a globalização passa a ser compreendida como um processo de transformação para a unificação, homogeneização dos países.

Ball (2001) questiona até que ponto se presencia a perspectiva da invasão global e o desaparecimento gradativo da diversidade local, principalmente no que diz respeito a concepção de políticas específicas do Estado Nação nos campos econômico, social e educativo e, conseqüentemente, a unificação de todos estes numa concepção única de políticas para a competitividade econômica. Dessa forma, será que estamos vivenciando uma crescente pandemia das políticas?

Ball (2001) também nos convoca a pensar que a essência da globalização como foi pensada para atuar permite refletir sobre as nuances futuras da concepção de Estado Nação no que se refere ser “como uma entidade cultural e política” (p.100), que apresenta articulação fortemente inter-relacionadas com a transformação econômica, política, cultural e social. Dessa maneira, vale a pena se questionar sobre a autonomia desses Estados-Nação? Será que dentro dessa lógica na qual a globalização pretende assumir, os Estados conseguem gerir sua própria nação? (BALL, 2001).

A análise das possíveis respostas ou das várias inquietações que podem ser levantadas não deve ser pensada por uma lógica determinista, mas cuidadosa e crítica. Tendo em vista a complexidade e a polissemia que envolve o processo de globalização e como pode se configurar e atuar, principalmente no âmbito político. Afinal, como dito por Azevedo (2001) no debate sobre Estado e políticas educacionais em tempos de crise, transmitido pelo canal da Universidade Estadual de Goiás (UEG-TV), quando se trata de políticas que visam homogeneizar, unificar, devemos nos atentar para a ideia de que pode ocorrer o contrário do pretendido, do objetivado inicialmente.

Para realização deste trabalho adotamos a abordagem qualitativa e as contribuições da pesquisa bibliográfica, de viés analítico e interpretativo.

### Desenvolvimento

A lógica da globalização carrega em si a premissa de homogeneização, entretanto, precisamos nos atentar para as peculiaridades de cada Estado Nação. Ou melhor, a própria concepção do que é Estado Nação. Não é nosso objetivo fazer uma análise aprofundada sobre a polissemia desse conceito, mas somente para observarmos a complexidade do que ele carrega. Afonso e Ramos (2007) nos revelam um debate em torno da própria ideia de Estado e Nação, pois, “são conceitos e entidades diferentes que devem ser compreendidos na sua historicidade própria, antes que possamos descrevê-los nas suas articulações e imbricações” (AFONSO; RAMOS, 2007, p. 78).

Temos uma gama de aspectos que envolve até mesmo a ideia do que é Estado Nação quando ampliamos o leque das diferentes realidades do mundo “globalizado”. Por isso, cabe aqui o que diz Morosini (2021): “A globalização afeta cada país de uma forma diferente, de acordo com a história da nação, suas tradições, sua cultura e suas prioridades; (...)” (p. 38).

Ball (2001) contribui para alargar essa discussão, mostrando a partir de vários autores que a globalização não acontece de maneira única e nem ao mesmo tempo nos Estados Nação e mesmo invadindo os contextos locais, não os destrói totalmente pela unificação. Pelo contrário do pretendido, cria novas possibilidades, valores, subjetividades. Dentro dessa lógica, vale o que Santos (2003) nos leva a refletir sobre o processo de globalização, usando a expressão “(...) globalização atual, ou as formas da globalização atuais” (p. 6), revelando as várias formas que esse processo carrega.

O local não pode ser visto longe do global, assim como os produtos das articulações locais-globais permitem um jogo de novas imagens, fruto de movimentos hegemônicos, quanto de movimentos contra-hegemônicos, com base no que diz Santos (2003). A globalização pode ser compreendida pela afirmação do autor, como um fenômeno que é “(...) um processo simultaneamente hegemônico e contra-hegemônico” (p. 5).

No sentido hegemônico, o processo de globalização atual possui uma lógica que é a lógica do capital no final do século e mesmo que possua nuances particulares, não devemos desconsiderar as implicações das articulações espaço-tempo advindas de várias direções. Ou seja, assim como no passado tínhamos o colonialismo do século XVI, hoje temos uma “presentificação” de um colonialismo mais contemporâneo, denominado de pós-colonialismo ou de neocolonialismo. Logo, as formas de dominação e controle do passado colonial, de repente se faz presente no contexto atual, mas com outras nuances. Implicando até mesmo em compreendermos “(...) o que é história e o que é atualidade, o que pertence ao passado e o que pertence ao presente(...)” (SANTOS, 2003, p. 7).

Assim, hoje não vivemos em um processo de globalização restritamente novo, pois não podemos desconsiderar a historicidade das suas raízes hegemônicas e de dominação que emergem pelo menos desde os séculos XV e XVI.

É dentro desse movimento hegemônico que percebemos as contradições e as assimetrias do contato entre globalizadores e globalizados, pois é possível observar a diferença de poder ao longo de toda a história, que ocorre nos campos da política, da cultura e da economia, assumindo formas diferentes de dominação, segundo Santos (2003). Por isso, o mesmo nos convoca a fazer um exercício complexo do olhar, articulado olhares opostos e quase paradoxais, no sentido de olhar a análise de até que ponto o presente foi capturado pelo passado, mas principalmente também analisar as “(...) as diferenças, contextos, circunstâncias que distinguem as diferentes situações da atual”. (SANTOS, 2003, p. 7)

Os caminhos para a compreensão da globalização contra-hegemônica passam a ser traçados a partir do olhar para as diferenças. Ou melhor, da relação dialética entre igualdade e diferença. Daí é possível perceber o encontro dos movimentos hegemônicos e contra-hegemônicos, as contradições, as tensões e os diálogos das relações global/local, emancipação/controle nos processos de globalização.

Quando o local não é mais exclusivamente local, passando a se abrir para redes e fluxos globais, pode se articular com grupos semelhantes em outros países, criando parcerias de resistência, de luta e de negociação com os diferentes também. Por isso, Santos afirma que “é tão importante reconhecer as culturas umas entre as outras, como reconhecer a diversidade dentro de cada cultura e permitir que dentro da cultura haja resistência, haja diferença.” (p. 13).

A segregação racial nos Estados Unidos, nas escolas e outros sítios tinha, no fundo, a mesma lógica: separação e igual desenvolvimento. Sabemos nós que na prática não era assim, mas eventualmente até poderia ser, só que não queremos que a igualdade se realize em separação, porque com separação não há igualdades, há apartheids, porque a igualdade só existe quando há possibilidades de se compararem as coisas. (Idem)

Assim, a globalização se transforma em instrumento de igualdade e de diversidade. O equilíbrio disso está no exercício do que o próprio Santos (s/n) diz: “Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”. No entanto, quando não atingimos esse difícil equilíbrio, podemos ser levados para outras nuances. A comparação com o outro, mergulhados em ideais neoliberais, por exemplo, pode trazer competitividade, nos seus efeitos e sentidos mais positivos, ou nos seus sentidos e efeitos mais cruéis da palavra. Basta observar a difusão neoliberal sobre a economia do conhecimento, sendo considerado um instrumento de “estímulo” ao desenvolvimento econômico (MOROSINI, 2021).

## Conclusões

A globalização transforma, possibilita e produz novas identidades, remetendo a formação de sociedade, de sujeitos, que carregam em si valores, subjetividades, crenças, dentre outros aspectos. Assim, cabe realizar o que Mainardes (2015) e Ball (2014) afirmam sobre a importância de analisar os fluxos globais educacionais que permeiam a globalização, assim como as complexas dinâmicas que o neoliberalismo tem assumido em tempos atuais, pois vai muito além dos aspectos econômicos, abarcando quase todas as áreas da vida social afetando por completo a internacionalização da educação superior.

## Referências

AFONSO, Almerindo; RAMOS, Emilio. Estado-nação, educação e cidadanias em transição. Revista Portuguesa de Educação, 2007, 20, pp. 77-98.

AZEVEDO, J. M. L. A educação como política pública. Campinas - SP, Editora Autores Associados, 2ª ed., 2001.

BALL, Stephen J. Educação Global S. A.: novas redes de políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa, Brasil: UEPG, 2014. 270 p.

BALL, Stephen J. Diretrizes Políticas globais e Relações Políticas Locais em Educação. Currículo sem fronteiras, v. 1, n.2, o. 99-11, Jul/Dez 2001.

MAINARDES, J. Entrevista com o Professor Stephen J. Ball. Revista Olh@ares, Guarulhos, v. 3, n. 2, p. 161-171, jul./dez. 2015.

MOROSINI, Marília Costa. Enciclopédia Brasileira de Educação Superior. v. 10 e 11. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. [entrevista concedida a Luís Gandin e Álvaro Hypolito] Currículo Sem Fronteiras, v.3, n.2, pp. 5-23, Jul/Dez. 2003.